

Verbalizações de terapeuta e cliente e estabelecimento de relações na evolução de uma terapia analítico-comportamental

Verbalizations of therapists and clients and the establishment of relationships in the development of behavior-analysis therapy

João Ilo Coelho Barbosa⁴³
Universidade Federal do Ceará

Emmanuel Zagury Tourinho⁴⁴
Universidade Federal do Pará

Resumo

O estudo envolveu o acompanhamento de um caso clínico atendido por uma terapeuta analítico-comportamental, com o objetivo de identificar, categorizar e analisar as funções básicas das verbalizações do terapeuta, além de analisar as verbalizações de terapeuta e cliente quanto às relações estabelecidas entre respostas do cliente fora da sessão e eventos ambientais antecedentes e subsequentes a estas. A análise das verbalizações da terapeuta foi feita com base em categorias relativas às funções básicas das verbalizações de terapeuta (FBVT) e também foram, juntamente com as verbalizações da cliente, analisadas a partir de categorias de análise, que especificavam se o interlocutor estabelecia relações entre uma resposta da cliente e eventos antecedentes e/ou subsequentes. A análise dos resultados mostrou que a terapeuta não apresentou um modelo padronizado em suas intervenções, prevalecendo aquelas de caráter investigativo e as que confrontavam a cliente com questões anteriormente abordadas por ela mesma. Apenas uma pequena proporção das intervenções da terapeuta sugeria relações entre uma resposta da cliente e contingências ambientais, predominando dentre estas últimas, as relações do tipo antecedente-resposta. Comparada com a terapeuta, a cliente estabeleceu um maior número de relações entre eventos ambientais e suas respostas, também predominantemente do tipo antecedente-resposta.

Palavras-chave: Categorização de verbalizações, Terapia analítico-comportamental, Interação terapêutica.

Abstract

The study involved the monitoring of a clinical case by a behavior-analysis therapist and it identified, classified and analyzed the basic functions of the therapist's verbalizations and analyzed the verbalizations of both therapist and client with regard to established relationships between

⁴³ Doutor, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. Rua Joaquim Nabuco, 820, ap. 602, Aldeota, 60125-120, Fortaleza, Ceará. *E-mail:* ilo@cemp.com.br

⁴⁴ Doutor, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

client's responses and prior or subsequent environmental events. The analysis of the therapist's verbalizations was based on categories related to the basic functions of the therapist's verbalization which were also analyzed together with the client's verbalizations based on the categories of analysis, which were stipulated if the interlocutor established relationships between the client's response and prior or subsequent events. The analysis of the results showed that the therapist did not present a standardized model for interventions. What prevailed were interventions of an investigative nature and those in which he confronted the client with issues which she herself had previously mentioned. Only a small portion of the therapist's interventions suggests links between the response of the client and environmental contingencies. Among the latter, the antecedent-response connections were predominant. Compared to the therapist, the client established a greater number of relationships between environmental events and her responses, which were also of the antecedent-response type.

Keywords: Categorization of verbalizations, Behavior-analysis therapy, Therapeutic interaction.

O interesse pelo estudo dos comportamentos verbais vocais presentes na interação terapeuta-cliente, em um contexto de terapia analítico-comportamental verbal face a face, tem motivado a realização de uma agenda de investigações que visam identificar alguns aspectos envolvidos em tal processo (e.g. Almásy, 2004; Azevedo, 2001; Baptistussi, 2001; Barbosa, 2006; Brandão, 2003; Kovac, 2001; Maciel, 2004; Margotto, 1998; Martins, 1999; Medeiros, 2001; Silveira & Kerbauy, 2000; Sousa e Silva & Banaco, 2000; Souza Filho, 2001; Wielenska, 1989; Yano, 2003; Zamignani, 2001). Esses estudos têm contribuído de forma relevante para o aperfeiçoamento de um modelo de intervenção clínica produtivo e consistente com os princípios da análise do comportamento.

Tourinho e cols. (2007) descreveram o trajeto de um grupo de pesquisa na investigação de contingências verbais

presentes numa situação de atendimento terapêutico, especialmente aquelas relacionadas à ocorrência de eventos privados. O primeiro estudo realizado no âmbito daquele grupo de pesquisa (Martins, 1999) consistiu de uma investigação, ainda em caráter exploratório, das verbalizações em terapia que abordavam eventos privados. Uma das conclusões da autora foi a de que o estudo dessas verbalizações demandava uma distinção entre: 1) categorias mais genéricas e comuns a qualquer situação de atendimento clínico, definidas como "categorias de registro"; e 2) outras categorias definidas em função da problemática específica a ser estudada, denominadas "categorias de análise". Em relação ao primeiro grupo de categorias, estudos posteriores trataram de aprimorar a definição de cada categoria de registro e as mesmas passaram a ser denominadas "categorias relativas às

funções básicas das verbalizações de terapeutas” (FBVT) (e.g., Barbosa, 2006; Maciel, 2004; Oliveira-Silva & Tourinho, 2006). Tourinho e cols. (2007) propõem sete categorias de FBVT: Informar (IFO), investigar (INV), dar *feedback* (FBK), confrontar (CFR), dar conselho (CON), verbalizações mínimas (MIN) e outras verbalizações (OUT).

Apesar do interesse por categorias funcionais na descrição das FBVT, Tourinho e cols. (2007) afirmam que “já na pesquisa de Martins (1999), ficou evidente a impossibilidade de especificação das relações funcionais entre verbalizações de terapeutas e clientes, ainda que conjuntos amplos de informações sugerissem alguns prováveis controles das verbalizações de uns pelas verbalizações dos outros” (pp.318-319).

De fato, as verbalizações são categorizadas parcialmente baseando-se na topografia da resposta verbal. Quando o terapeuta indaga “*Mas quem disse que ele iria aceitar sua desculpa?*”, por exemplo, tal verbalização tem uma topografia equivalente a uma investigação, no sentido de que mais freqüentemente verbalizações desse tipo têm uma função investigativa, embora a função exercida sobre o comportamento do cliente possa não ter sido apenas de fazer uma investigação. Este problema é

de difícil solução, dada a complexidade dos processos envolvidos na determinação do comportamento verbal, tornando a categorização de cada verbalização ainda dependente de inferências quanto à sua mais provável função (cf. Tourinho e cols., 2007).

A insuficiência das categorias relativas às FBVT para uma análise funcional das verbalizações de terapeuta e cliente foi um dos fatores que levou outros pesquisadores a propor recursos complementares para a abordagem dessas verbalizações (e.g. Barbosa, 2006; Brandão, 2003; Maciel, 2004; Yano, 2003). Maciel (2004) utilizou outros dois tipos de categorias para a investigação das verbalizações de terapeuta e cliente: categorias de análise, para a investigação do conteúdo daquelas verbalizações, no que se referiam ao comportamento ansioso; e “categorias de comportamento do cliente”, desenvolvidas com base em um modelo de categorização anteriormente proposto por Yano (2003), que favoreciam a identificação da evolução da problemática do cliente ao longo do processo terapêutico.

O estudo de Brandão (2003) investigou a abordagem de terapeutas frente a referências a emoções nos relatos verbais nas sessões de terapia. Para tanto, readaptou um instrumento que estabele-

lecia critérios para a identificação de “episódios emocionais”, descritos como uma seqüência de verbalizações de terapeuta e cliente relacionadas a uma descrição de uma “reação afetiva do cliente em resposta a uma situação, contexto ou evento que ocorreu ou que está acontecendo no momento presente na sessão” (p. 1).

Recursos utilizados por Brandão (2003), Maciel (2004) e Yano (2003) fundamentaram o presente estudo, que teve o objetivo de: a) identificar, categorizar e analisar as verbalizações do terapeuta ao longo de um atendimento, quanto às suas funções básicas; e b) analisar as verbalizações de terapeuta e cliente quanto às relações que estabeleceram entre respostas do cliente fora da sessão e eventos ambientais antecedentes e subseqüentes a estas.

Método

Participantes:

Participaram do estudo uma terapeuta analítico-comportamental com quatro anos de experiência em atendimento clínico e uma cliente de 29 anos sem histórico psiquiátrico e com queixa inicial de problemas conjugais.

Procedimento de coleta de dados:

Foram registradas em áudio e posteriormente analisadas 36 sessões de atendimento, ocorridas no período de um ano.

Procedimento de análise de dados:

As seguintes categorias de FBVT foram usadas no presente estudo:

Informar (IFO): Verbalizações, que informam sobre aspectos do processo terapêutico, ou sobre assuntos abordados pelo cliente. Têm função de alterar o conhecimento do cliente sobre o processo terapêutico ou sobre assuntos mencionados por terapeuta ou cliente.

Ex: “Porque assim L., se essas questões da ameaça são tão reais, seria um ponto que a gente poderia trabalhar, no sentido de como você pode se proteger disso.”

Investigar (INV): Verbalizações com ou sem a forma interrogativa que solicitam novas informações ao cliente. Têm a função de produzir novas informações sobre a história ambiental do cliente e ensinar ao cliente posicionar-se de uma forma investigativa diante de fatos ocorridos.

Ex: “E como é que você tá? Como é que tá, assim, o teu humor?”

Dar feedback (FBK): Verbalizações de aprovação, desaprovação ou correção de verbalizações específicas do cliente, qualificando de algum modo sua

verbalização anterior. Têm a função de fortalecer ou enfraquecer verbalizações do cliente sobre si mesmo ou sobre aspectos de sua história ambiental.

Ex: “Agora, foi muito bom você ter conseguido dizer isso!”

Confrontar (CFR): Verbalizações que afirmam a ocorrência de condições, eventos ou relações entre eventos, pertinentes a questões abordadas pelo cliente, acrescidas ou não de um pedido formal de confirmação. Têm a função de confrontar o cliente com seu relato anterior, ou com uma compreensão/interpretação do terapeuta para os fatos/eventos relatados, produzindo confirmação ou não de sua compreensão/interpretação.

Ex: “Ele fica se utilizando de várias possibilidades pra conseguir o que ele quer, né?”

Dar conselho (CON): Verbalizações que sugerem ao cliente comportar-se de determinado modo. Têm a função de prover ao cliente uma indicação de comportamento com maior probabilidade de ser reforçado.

Ex: “Você não tem que provar nada.”

Verbalizações Mínimas (MIN): Verbalizações que sinalizam a atenção do

terapeuta e/ou uma aprovação genérica do comportamento de verbalizar do cliente. Têm a função de promover a continuidade da verbalização do cliente.

Ex: “Uhm hum.”

Outras Verbalizações (OUT): Outras verbalizações do terapeuta. Tem funções diversas.

Ex: “Quando eu vou pra lá, eu fico super afônica.”

Esclarecimentos e exemplos:

1) A categoria *Informar* foi empregada apenas quando a verbalização do terapeuta dizia respeito a assuntos ligados à problemática discutida nas sessões; não incluiu, portanto, informações sobre assuntos sem relação com o que foi discutido nas sessões. Alguns exemplos: “Faz acho que uns 25 dias que eu não lhe vejo quase” (*Informar*); “Você pode encontrar o curso que está procurando na Universidade Federal” (*Informar*); “Parece que eu peguei uma boa gripe” (*Outras Verbalizações*); “Hoje o trânsito estava terrível” (*Outras Verbalizações*).

2) Na abordagem de um assunto discutido na sessão, a verbalização do terapeuta foi considerada *Informar* quando abordou um tema de modo genérico, mas foi considerada *Confrontar*

quando abordou o que era específico do cliente. Alguns exemplos: “Se a gente parar pra pensar, muitas vezes, a gente faz várias coisas só pela dificuldade de dizer um não” (*Informar*); “Então, assim, a questão da tua assertividade, dizer o que tu sente, mais uma vez foi reprimida, né?” (*Confrontar*).

3) Quando o cliente perguntava ao terapeuta se ele entendeu uma colocação sua, a resposta do terapeuta (afirmativa ou negativa) constituiu uma ocorrência de *Informar*. Exemplo: C: “Porque toda vida que eu noto que eu consigo alguma coisa, que pra mim pode ser uma vitória, de repente, acontece alguma coisa que eu volto, entendeu?” T: “**Entendi**” (*Informar*).

4) Algumas verbalizações que não tiveram a forma interrogativa exerceram a função de *Investigar*. Por exemplo, a verbalização “Conte-me como foi sua vida escolar”.

5) Verbalizações curtas poderiam ser *Dar Feedback*, *Informar*, ou *Verbalizações Mínimas*. Verbalizações curtas foram consideradas *Dar Feedback* quando de algum modo aprovavam/desaprovavam a verbalização anterior do cliente (por exemplo: “Uhm hum”, “Isso”, “Muito bem”, “Certo”, após

o cliente descrever uma opinião, uma compreensão ou um comportamento seus). Foram *Informar* quando responderam a uma indagação do cliente (por exemplo: “Uhm hum”, após o cliente perguntar: “Você entendeu?”). Foram consideradas *Verbalizações Mínimas* quando não qualificavam a verbalização anterior do cliente, nem respondiam a sua indagação, mas apenas sugeriam ao cliente que continuasse a verbalizar (por exemplo, “Uhm hum”, “Entendo”, “Sei”).

6) Frases interrogativas foram, em geral, *Investigar* ou *Confrontar*. Uma indagação foi *Investigar* quando teve a função de produzir uma informação nova sobre a problemática do cliente, mas foi *Confrontar* quando sua função foi produzir uma confirmação pelo cliente de algo que ele já havia afirmado antes. Alguns exemplos: “Você não saiu no sábado?” (*Investigar*); “Acabou ficando em casa?” [após a cliente ter afirmado que não havia saído] (*Confrontar*).

7) Verbalizações que concluíam com uma interrogação que pedia confirmação foram exemplos de *Confrontar*. Por exemplo, a verbalização “Ele não tem aposentadoria ainda não, né?” constituiu uma ocorrência de *Confrontar*, pois tinha a função de produzir uma confirmação ou

não de uma interpretação do terapeuta (ou de uma afirmação anterior do cliente).

8) Informações genéricas sobre possíveis comportamentos não foram exemplos de *Dar Conselho*, mas apenas de *Informar* ou *Confrontar*. Exemplos: “Você podia tentar chegar mais cedo em casa” (*Dar Conselho*); “Nas relações afetivas, a atenção é um componente muito importante” (*Informar*); “Quando você chega cedo em casa, parece que os ânimos melhoram” (*Confrontar*).

Além das categorias de FBVT, foram usadas categorias de análise de verbalizações de terapeuta e cliente, de acordo com o conteúdo dessas verbalizações com respeito aos aspectos abordados. As categorias de análise das verbalizações do terapeuta foram:

T-EVENTOS (T-EV): Terapeuta refere eventos da vida atual ou passada do cliente, pertinentes à sua problemática, sem estabelecer relações (indagando, afirmando a ocorrência ou dando *feedback* a uma descrição).

T-RELAÇÕES (T-REL): Terapeuta aborda relação antecedente-resposta, resposta-conseqüência, ou antecedente-resposta-conseqüência na referência a eventos presentes ou passados.

T-Relações ANTECEDENTE-RESPOSTA (T-REL-AR)
T-Relações RESPOSTA-CONSEQÜÊNCIA (T-REL-RC)
T-Relações ANTECEDENTE-RESPOSTA-CONSEQÜÊNCIA (T-REL-ARC)

T-OUTRAS (T-OUT): Verbalizações que não referem eventos ou relações pertinentes à problemática do cliente (p. ex., “Até a próxima sessão”).

Observações:

1) Na categorização de verbalizações do tipo T-REL, não se tratou de usar como critério o fato de o terapeuta *estabelecer* ou afirmar uma relação, mas de, na sua verbalização, haver feito referência aos termos de uma relação. Por exemplo, a verbalização “*Em que situações você sente isso?*” é um exemplo de investigar do tipo T-REL-AR, pois o terapeuta estava fazendo referência tanto à resposta de sentir quanto a um possível antecedente dessa resposta).

As categorias de análise das verbalizações do cliente foram:

C-EVENTOS (C-EV): Cliente refere eventos da sua vida atual ou passada, pertinentes à sua problemática, sem estabelecer relações (p. ex., “*Eu tô péssima.*”).

C-RELAÇÕES (C-REL): Cliente aborda relação antecedente-resposta, resposta-conseqüência, ou antecedente-

resposta-consequência na referência a eventos presentes ou passados.

C-Relações ANTECEDENTE-RESPOSTA (C-REL-AR)
C-Relações RESPOSTA-CONSEQUÊNCIA (C-REL-RC)
C-Relações ANTECEDENTE-RESPOSTA-CONSEQUÊNCIA (C-REL-ARC)

C-OUTRAS (C-OUT): Verbalizações do cliente que não referem eventos ou relações pertinentes à sua problemática (p. ex., “*Eu chego cedo aqui.*”).

Resultado

A Figura 1, a seguir, apresenta a evolução das FBVT ao longo das sessões. Observa-se que a categoria Confrontar (CFR) foi a categoria mais freqüente em 29 das 36 sessões, e nas sete outras o número de suas ocorrências só foi menor que o da categoria Investigar (INV), de forma mais consistente nas duas primeiras sessões, quando a terapeuta procurou se inteirar das queixas da cliente e de sua história de vida.

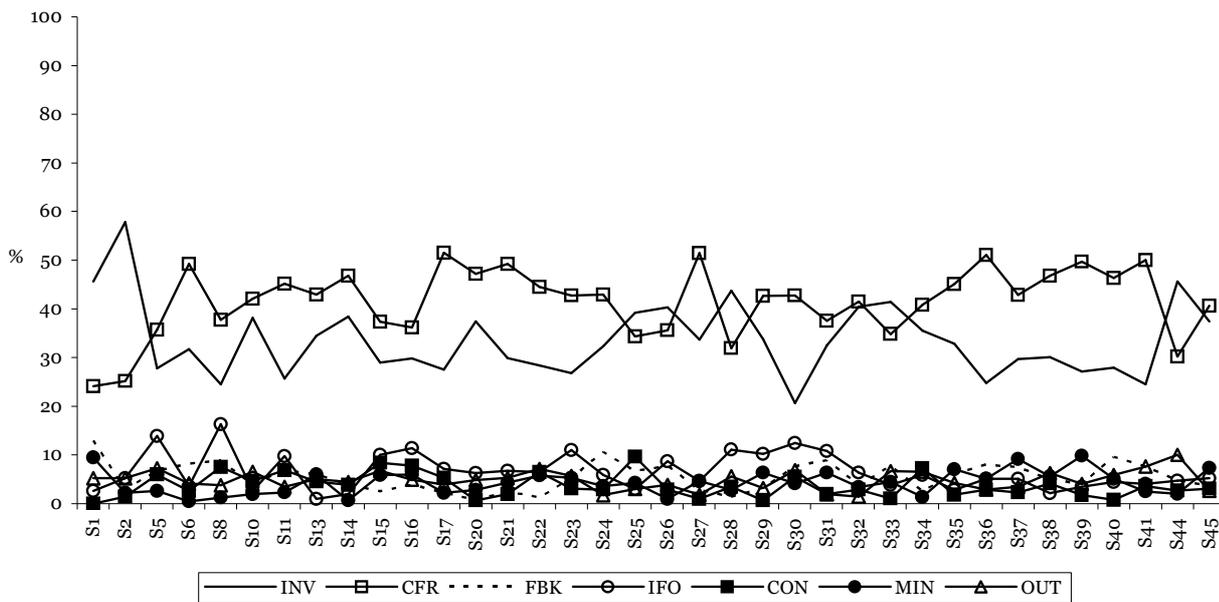


Figura 1. Distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias na sessão) de FBVT no conjunto das sessões.

Nota: Neste e nos gráficos subsequentes, as linhas que unem os pontos indicadores dos resultados em cada sessão não significam que há um *continuum* entre as sessões, pois os resultados representam dados discretos das mesmas.

A distribuição das categorias de análise da terapeuta ao longo das sessões pode ser observada na Figura 2. Em média, a categoria T-Eventos correspondeu a 82,4% do total de ocorrências de categorias de análise da terapeuta no conjunto das sessões, enquanto as categorias T-Relações Antecedente-resposta, T-Relações Resposta-Consequência e T-Relações Antecedente-Resposta-Consequência corresponderam respectivamente a 8,2%, 5,7% e 1,3% do total de ocorrências das verbalizações da terapeuta. Portanto, dentre as três categorias de análise da terapeuta que estabelecem relações entre a resposta da cliente e eventos ambientais, as relações do tipo antecedente-resposta foram as mais frequentes.

A distribuição das categorias de análise da cliente ao longo das sessões é apresentada na Figura 3. Em média, a categoria C-Eventos correspondeu a 74,8% do total de ocorrências de categorias de análise da cliente no conjunto das sessões, enquanto as categorias C-Relações somaram juntas 23,7% desse total, sendo 13% de ocorrências de C-Relações Antecedente-Resposta, 8,1% de C-Relações Resposta-Consequência e 2,6% de C-Relações Antecedente-Resposta-Consequência. Esses resultados mostram que, assim como para a terapeuta, predominaram nas verbalizações da cliente referências a eventos de sua vida sem o estabelecimento de relações de contingência, enquanto dentre as categorias C-Relações as relações do tipo

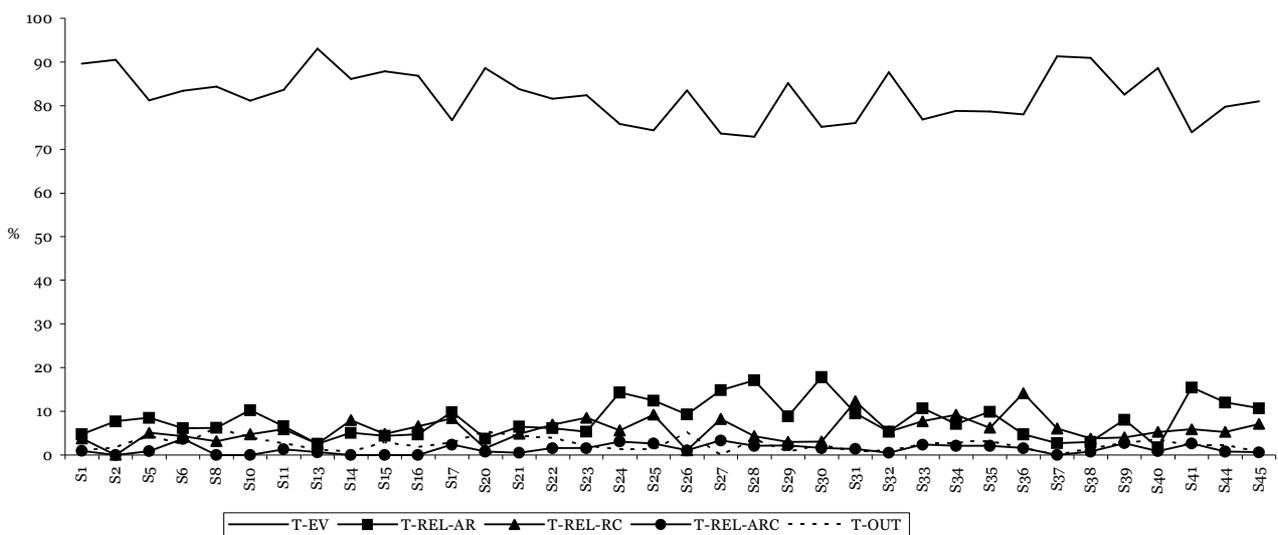


Figura 2. Distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias na sessão) de categorias de análise da terapeuta no conjunto das sessões.

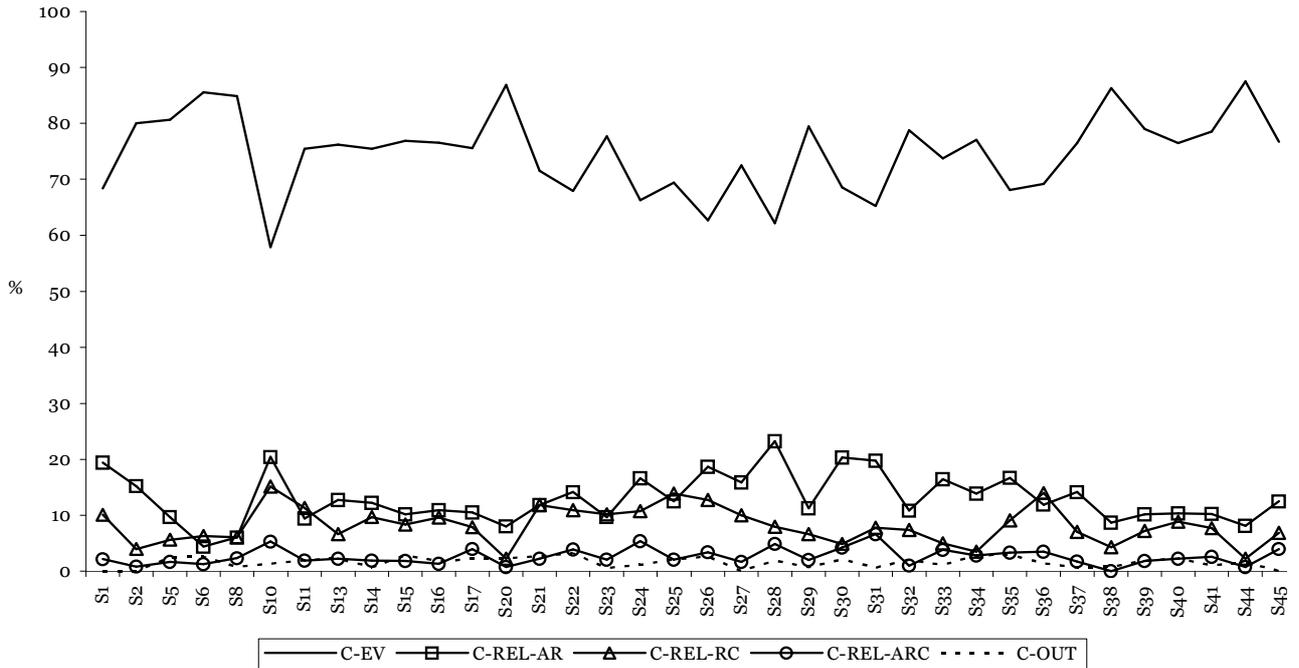


Figura 3. Distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias na sessão) de categorias de análise de cliente no conjunto das sessões.

antecedente-resposta foram mais frequentes que aquelas estabelecidas com eventos subsequentes, assim como já havia sido observado nas categorias de análise da terapeuta.

A Figura 4 compara o número de ocorrências das categorias de análise da terapeuta e da cliente, permitindo observar que, ao longo das sessões, as verbalizações da cliente quase sempre apresentaram um maior número de ocorrências de categorias de análise, em comparação com a terapeuta. A consistência desse resultado pode ser evidenciada pela forma como as proporções (em relação ao total de ocorrências de categorias de análise de

terapeuta ou cliente, em cada sessão) dessas categorias variaram de forma congruente, para terapeuta e cliente, durante todo o atendimento.

Foi comparada ao longo das sessões a proporção de ocorrências das categorias T-Relações Antecedente-Resposta e C-Relações Antecedente-Resposta em cada sessão, conforme apresentado na Figura 5. As variações observadas nas verbalizações da terapeuta e cliente pareceram ocorrer de forma ordenada, ao longo das sessões. Além disso, o fato da cliente quase sempre ter apresentado uma frequência maior de verbalizações que faziam referências a eventos ambientais antecedentes

relacionados a sua resposta, em comparação com a terapeuta, parece confirmar que tais referências da cliente controlaram a ocorrência de verbalizações subseqüentes da terapeuta que relacionavam uma resposta da cliente a eventos que a antecediam (S10 C41: "Mas em qualquer briga da gente, ele pode

dizer assim: ah, isso foi a conversa que tu teve. É justamente isso que eu não quero. De repente, ele achar que eu sou influenciada por ela, não quero..." [C-Relações Antecedente-Resposta]. T42: "Te incomoda, né, quando ele pensa..." [T-Relações Antecedente-Resposta]).



Figura 4. Comparativo entre o número de ocorrências de categorias de análise da terapeuta e da cliente no conjunto das sessões.

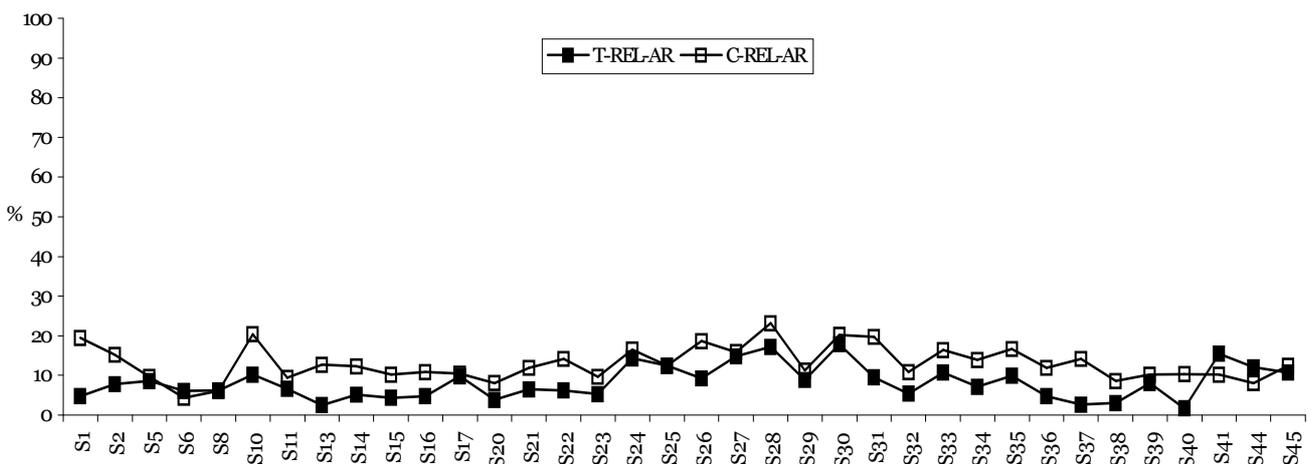


Figura 5. Comparação da distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias de análise do interlocutor) das categorias T-REL-AR e C-REL-AR no conjunto das sessões.

Nota: As Figuras 5, 6 e 7 fazem comparações entre as frequências relativas dos três tipos de categorias T-Relações e C-Relações, ao longo das sessões. Os percentuais apresentados são relativos ao total de ocorrências de categorias de análise para cada interlocutor. Portanto, uma frequência maior de uma determinada categoria C-Relações, em comparação com uma categoria T-Relações, não implica necessariamente um número maior de ocorrências daquela categoria.

A Figura 6 compara as categorias T-Relações Resposta-Consequência e C-Relações Resposta-Consequência ao longo das sessões. Os resultados evidenciam que a cliente relacionou seu comportamento a eventos consequentes em maior frequência que a terapeuta, na maioria das sessões. Em média,

as ocorrências de T-Relações Resposta-Consequência corresponderam a 5,7% do total de categorias de análise da terapeuta, enquanto a categoria C-Relações Resposta-Consequência correspondeu a 8,1% das ocorrências de categorias de análise da cliente.

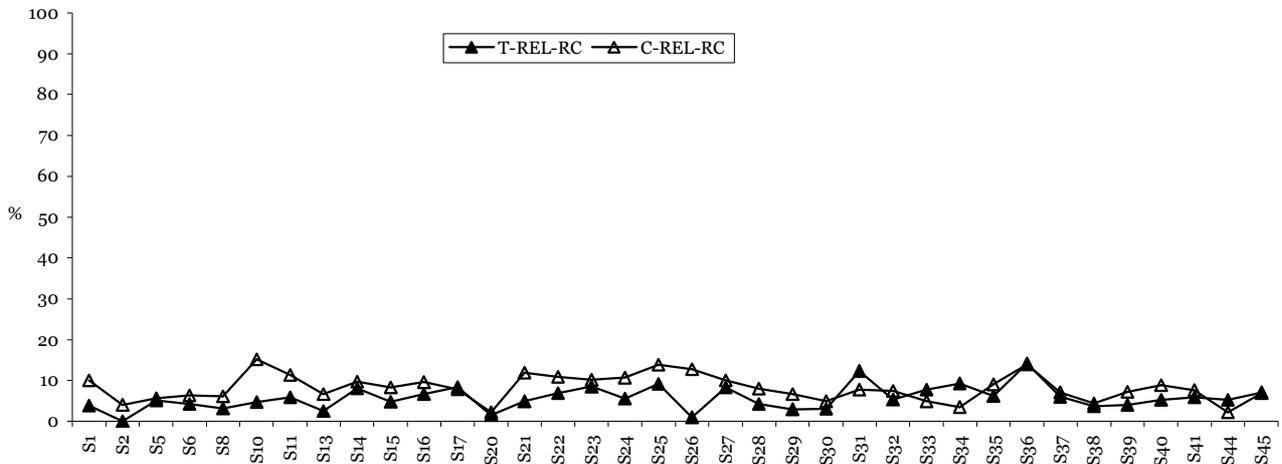


Figura 6. Comparação da distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias de análise do interlocutor) das categorias T-REL-RC e C-REL-RC no conjunto das sessões.

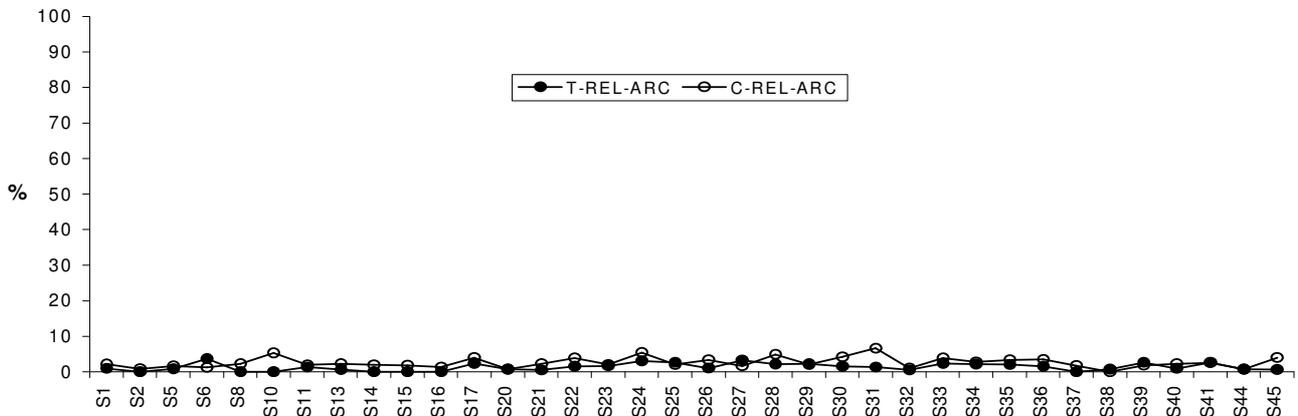


Figura 7. Comparação da distribuição da frequência relativa (% da categoria em relação ao total de categorias de análise do interlocutor) das categorias T-REL-ARC e C-REL-ARC no conjunto das sessões.

Os resultados referentes à comparação entre as categorias T-Relações Antecedente-Resposta-Consequência e C-Relações Antecedente-Resposta-Consequência, ao longo das sessões, podem ser observados na Figura 7. O número de ocorrências de T-Relações Antecedente-Resposta-Consequência correspondeu a uma proporção de 1,3% em relação ao total de ocorrências das categorias de análise da terapeuta. Para a cliente, a proporção de ocorrências de C-Relações Antecedente-Resposta-Consequência foi de 2,6% em relação ao total de ocorrências das categorias de análise da cliente. Portanto, também quanto ao estabelecimento de relações entre respostas da cliente e eventos ambientais que as antecederam e as sucederam, mais uma vez se verificou que a cliente estabeleceu um maior número proporcional de relações, em comparação com a terapeuta.

Discussão

A ocorrência de diferentes categorias de FBVT mostrou que as intervenções verbais da terapeuta analítico-comportamental apresentaram variações, embora tenham prevalecido aquelas de caráter investigativo e as que confrontavam a cliente com uma afirmação de ocorrência de eventos,

condições ou relações, pertinentes a questões abordadas anteriormente pela cliente. Isso parece mostrar que a terapeuta não apresentou um modelo padronizado de intervenção, mas sua forma de intervir pareceu ser parcialmente regulada pelas contingências presentes na situação de atendimento, especialmente os comportamentos da cliente, o que está em acordo com os dados relatados por Banaco (1993), Brandão (2003) e Zamignani (2001).

A prevalência dos comportamentos de investigar (INV) e confrontar (CFR) nas verbalizações da terapeuta também parece confirmar que: **a)** tais comportamentos constituem-se nas atividades mais elementares do terapeuta analítico-comportamental, que ocorrem durante todo o processo terapêutico (Margotto, 1998; Zamignani, 2001); **b)** suas intervenções favoreceram o autoconhecimento da cliente, de acordo com a noção behaviorista de que o terapeuta se constitui numa contingência social capaz de aumentar a auto-observação (Skinner, 1989/1991).

As proporções de ocorrência das demais categorias em relação ao total de ocorrências de categorias de FBVT corresponderam a números muito próximos, embora tenha sido percebida a

proporção ligeiramente superior da categoria informar (IFO) em relação às categorias dar feedback (FBK), dar conselho (CON), verbalizações mínimas (MIN) e outras verbalizações (OUT), o que pode demonstrar a variedade de possibilidades de intervenção do terapeuta analítico-comportamental frente às verbalizações do cliente.

Nas duas primeiras sessões foi observada uma proporção de ocorrências de investigar (INV) consistentemente superior à proporção de ocorrências de confrontar (CFR). Esse resultado parece estar relacionado à conduta que os terapeutas costumam adotar no início do atendimento clínico, de focar sua intervenção na investigação das queixas e de fatores a elas relacionados, intervindo menos e procurando fazer com que o cliente descreva suas queixas com a maior riqueza de detalhes possível.

Um dos problemas enfrentados para a categorização do comportamento verbal vocal da terapeuta quanto às categorias de FBVT parece residir na multiplicidade de variáveis de controle daquele comportamento. Uma verbalização pode ter como função principal investigar um evento anteriormente relatado pelo cliente, embora também possa adquirir outras funções sobre o relato da cliente. Um

exemplo disso pode ser observado no caso clínico investigado. Algumas sequências de verbalizações iniciam com várias instâncias de investigar (INV) e se encerram com uma verbalização do tipo confrontar (CFR), mas a sequência como um todo parece ter a função de confrontar (CFR), conforme pode ser observado no exemplo a seguir:

Sessão 5

T 26	INV	Isso acontece com frequência, L.?
C 26		Acontece.
T 27	INV	Tem acontecido ultimamente?
C 27		Tem, tem acontecido. Eu acho que esse final de semana foi bom pra mim porque, no sábado, eu passei a tarde sozinha.
T 28	CFR	Na casa...
C 28		Na mamãe, passei a tarde sozinha na mamãe. (...) Quando eu não tô legal, que a minha mãe tá assim mais próxima de mim, eu acabo descontando. Então, acabo tendo um comportamento agressivo em cima dela.
T 29	CFR INV	Com ela, né? Na hora, tu consegue perceber isso, L.?

Vale lembrar que o comportamento verbal pode estar sob controle simultâneo de múltiplas contingências, dificultando a escolha de uma unidade de análise capaz de evidenciar tais relações de controle. No estudo de relatos verbais de terapeutas e clientes, por exemplo, não há clareza sobre a extensão de episódios verbais que permita identificar corretamente as relações de controle entre uma determinada verbalização e outras verbalizações que não a antecederam

imediatamente. Dessa forma, a escolha de uma unidade de análise que reflita as múltiplas variáveis que controlam o comportamento verbal dos interlocutores no processo terapêutico torna-se um grande desafio para o pesquisador.

Categorias de Análise do Terapeuta

Os resultados mostraram que 82,4% de todas as categorias de análise do terapeuta foram do tipo T-Eventos. É possível concluir, portanto, que na maior parte do atendimento a terapeuta fez referências a eventos da vida atual ou passada da cliente, mas sem estabelecer relações entre tais eventos e o seu comportamento atual.

Além da conceituação da categoria T-Eventos ser mais ampla que as demais categorias de análise do terapeuta, a menor proporção das categorias T-Relações também está provavelmente relacionada com a dinâmica de um atendimento clínico, já que a proposição de relações comportamentais demanda um conjunto de conhecimentos prévios sobre eventos relevantes da vida do cliente. Assim sendo, é esperado que verbalizações categorizadas como T-relações ocorram com mais frequência na parte final das sessões (Medeiros, 2001) ou naqueles momentos intermediários

em que a discussão sobre um tema é encerrada, após alguns exemplos de verbalizações categorizadas como T-Eventos, como no exemplo a seguir:

Sessão 6

T104	T-EV	A parte de acompanhamento de funcionários, essas coisas, tu não faz, não?
C104		Faço.
T105	T-EV	Faz?
C105		Faço.
T106	T-EV	Avaliação, desempenho?
C106		Faço.
T107	T-REL-ARC	Ah, ótimo. Por isso, que tu tá pensando nessa especialização em recursos humanos, né? Aí, tu vai poder abranger mais.

As categorias T-relações tiveram uma frequência equivalente a 15,3% do total de ocorrências das categorias de análise do terapeuta. Desse total, 53% das ocorrências foram T-Relações Antecedente-Resposta, 38,7% T-Relações Resposta-Consequência e 8,3% T-Relações Antecedente-Resposta-Consequência. Esse resultado não foi consistente com aquele obtido por Zamignani (2001), que identificou um maior número de relações estabelecidas entre o comportamento do cliente e eventos ambientais consequentes, nas explicações sugeridas por dois terapeutas analítico-comportamentais.

Ao discutir a ocorrência de algumas explicações para o comportamento do cliente baseadas em eventos antecedentes, Zamignani (2001) considerou a possibilidade de que tais verbalizações pudessem indicar um afastamento do modelo selecionista. Entretanto, o autor levantou algumas hipóteses para justificar a presença desse tipo de explicação nas verbalizações dos terapeutas. De acordo com o autor, a pouca previsibilidade envolvida na situação de atendimento poderia aumentar a imprecisão das análises feitas pelos terapeutas. Além disso, afirma Zamignani, haveria a possibilidade de que explicações que atribuem o comportamento a outros agentes causais ocorram acompanhadas de outros determinantes relacionados à história ontogenética ou cultural do cliente. No caso clínico atualmente investigado, um exemplo disso ocorreu quando a terapeuta procurou dar explicações à cliente sobre os determinantes do comportamento deprimido (S45 T144: “Que a gente sabe que a depressão é vinculada a uma defasagem da serotonina, então tudo isso acaba vinculando. Mas, logica-mente, com toda a tua história de vida (...) Porque a gente sabe que isso é um conjunto, né? Que possa tá, realmente, regulando tudo isso, a questão hormonal e, principalmente, a tua história”).

Medeiros (2001) discutiu a possibilidade do terapeuta analítico-comportamental usar termos ou estabelecer relações mentalistas com o objetivo de tornar a linguagem mais acessível ao cliente. Portanto, a constatação de explicações do tipo evento antecedente-resposta no relato da terapeuta não é suficiente para se afirmar que suas intervenções foram incompatíveis com os princípios da Análise do comportamento.

Tomando como exemplo as referências da terapeuta à *vontade* da cliente, podemos observar que algumas vezes essa referência não parece ter implicado a concepção de que ela seria o agente causador do comportamento da cliente, nem há evidências que a terapeuta tenha abandonado a investigação de contingências pertinentes à resposta da cliente:

Sessão 5

T60 *E assim: essa falta de **vontade**, essa questão... o fato de acordar e trabalhar, tu tá percebendo isso mais intensamente essa semana? Ou vem percebendo há mais de uma semana?*

Sessão 23

T57 *Como é essa **vontade** de não fazer nada, né? Assim, volta um pouquinho à Semana Santa e, assim... Porque você me falou da indisposição estomacal, né? Alguma coisa que te fez mal. E, assim, como era essa falta de **vontade**? Ela vinha junto com outro sentimento? Tu tinha vontade de ficar só? Me fala mais...*

T60 *E as vezes que te dá **vontade** de chorar, quando tu consegue chorar, assim, tu vincula essa **vontade** a alguma coisa? Ou é aquele choro que você não tem uma explicação? Que você, pseudamente (sic), não sabe porque eu tô com essa **vontade** de chorar? Como é essa relação do significado do choro pra ti?*

Percebe-se nas ocasiões descritas que, embora a terapeuta tenha feito referências à *vontade*, contingências relacionadas à resposta da cliente continuaram sendo investigadas. Noutras ocasiões, entretanto, a terapeuta fez referências à *vontade* como um evento mediador entre o ambiente e a resposta. Nesses casos, a terapeuta atribuiu uma função causal à *vontade*, e sua verbalização favoreceu uma explicação incompatível com o modelo analítico-comportamental, que parece ter controlado a verbalização subsequente da cliente:

Sessão 13

C124	[A cliente está se queixando da sua vida sexual com o marido] <i>É como se eu tivesse, assim, vendendo meu corpo.</i>
T125	<i>Eu entendi. Porque não é um ato da tua vontade, né?</i>
C125	<i>Não, não é um ato da minha vontade, não é um ato do meu desejo, não é nada. [...]</i>

Diante dessas considerações, parece razoável considerar que, apesar do uso de termos mentalistas pelo terapeuta analítico-comportamental não implicar necessariamente o afastamento dos princípios de uma ciência do comportamento, seu uso deve ser feito com o objetivo específico de proporcionar uma explicação mais acessível ao cliente, pois o constante emprego de uma

linguagem pouco esclarecedora, mas tão socialmente reforçada, aumenta a probabilidade do estabelecimento de relações causais pouco produtivas para a resolução dos problemas trazidos pelo cliente.

Categorias de Análise do Cliente

Três quartos do total de ocorrências das categorias de análise da cliente foram do tipo C-Eventos (74,8%), o que significa que a maior parte das referências da cliente aos eventos de sua vida foi feita sem o estabelecimento de relações entre suas respostas e contingências ambientais.

O fato das ocorrências da categoria C-Eventos terem sido proporcionalmente muito mais frequentes que as demais categorias de análise da cliente, assim como ocorreu com a predominância da categoria T-Eventos dentre as demais categorias de análise da terapeuta, indica que, na maioria das vezes, os temas discutidos na terapia foram abordados de forma descritiva, mas pouco relacional.

Caberia principalmente à terapeuta a iniciativa de propor e favorecer a ocorrência de relatos autodescritivos que sinalizassem a funcionalidade de certas respostas da cliente, ajudando a esclarecer os fatores determinantes dos problemas

relatados pela cliente. Entretanto, a ocorrência de categorias de T-Eventos numa proporção maior à observada para as categorias C-Eventos parece indicar que a terapeuta não conseguiu o êxito esperado nessa função.

As categorias C-Relações corresponderam, em média, a uma proporção de 23,7% do total de ocorrências das categorias de análise da cliente, superando a média de 15,3% de T-Relações. É importante ressaltar que uma diferença a favor da cliente pôde ser observada em todas as três subcategorias de análise, em quase todas as sessões de atendimento, o que parece confirmar que a cliente realmente conseguia estabelecer um maior número de relações ambientais para suas respostas, em comparação com a terapeuta.

Uma hipótese para justificar esse resultado seria uma maior extensão das verbalizações da cliente, em comparação com as verbalizações da terapeuta, observada frequentemente nas sessões. Esse fato, por si só, poderia favorecer um maior número de ocorrências de categorias de análise nas verbalizações da cliente.

Os resultados da comparação entre as categorias T-Relações e C-Relações ao longo das sessões, nos pares T- Relações Antecedente-Resposta X C- Relações

Antecedente-Resposta, T- Relações Resposta-Consequência X C- Relações Resposta-Consequência e T- Relações Antecedente-Resposta-Consequência X C-Relações Antecedente-Resposta-Consequência, mostraram que as frequências das categorias de análise correspondentes para terapeuta e cliente tiveram variações parecidas, de forma consistente, especialmente com relação àqueles dois primeiros pares. Entretanto, não foi possível confirmar que a forma pela qual a resposta da cliente era relacionada a um evento antecedente ou consequente, pela cliente ou pela terapeuta, tenha controlado as verbalizações subsequentes de sua interlocutora, ao abordar a mesma resposta.

Considerações Finais

Os resultados apresentados neste artigo permitiram uma melhor observação de como evoluem as descrições do cliente a respeito de suas demandas e de como se dá a intervenção terapêutica frente a esses relatos. Dessa forma, a decisão metodológica de analisar as verbalizações de terapeuta e cliente quanto à referência a relações comportamentais para as respostas do cliente pode ser considerada relevante para o desenvolvimento de um método

específico para a abordagem dos relatos verbais em contexto terapêutico.

Também foram confirmadas as dificuldades anteriormente comentadas por Tourinho e cols. (2007) quanto à dificuldade em estabelecer uma taxonomia para as intervenções verbais de terapeutas. Apesar da proposição de novas formas de abordagem dos relatos de terapeuta e cliente na terapia analítico-comportamental, podemos afirmar que o estágio atual dessas pesquisas ainda é exploratório.

Embora as categorias de análise do terapeuta possam representar uma tentativa válida para a observação das funções comportamentais que tais verbalizações exercem sobre verbalizações subsequentes do cliente e do próprio terapeuta, elas não conseguiram superar todos os problemas relativos à identificação das complexas e

múltiplas relações de contingências participantes na determinação daquele comportamento.

Nesse momento, parece ser fundamental a iniciativa dos pesquisadores em testar novas propostas de análise. Pesquisas com esse propósito já estão em andamento e certamente permitirão um melhor conhecimento da interação verbal presente na terapia analítico-comportamental.

O estudo desenvolvido por Zamignani (2008) caminha nessa direção, ao visar o desenvolvimento de sistemas de categorização que ampliem a possibilidade de observação e análise de outros aspectos verbais e paraverbais contidos nos relatos de terapeuta e cliente, até então pouco estudados. Com isso, o pesquisador não precisará mais se restringir à transcrição de relatos como única fonte de informação.

Referências Bibliográficas

- Almásy, C. (2004). *Efeitos da consequência na sessão terapêutica*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP.
- Azevedo, Y. L. (2001). *Verbalizações sobre eventos privados em terapia analítico-comportamental: Uma análise das intervenções do terapeuta*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.

- Baptistussi, M. C. (2001). *Comportamentos do terapeuta na sessão que favorecem a redução de efeitos supressivos sobre comportamentos punidos do cliente*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP
- Barbosa, J. I. C. (2006). *Análise das funções de verbalizações de terapeuta e cliente sobre sentimentos, emoções e estados motivacionais na terapia analítico-comportamental*. Tese de Doutorado. Belém: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará.
- Brandão, F. S. (2003). *O manejo das emoções por terapeutas comportamentais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Kovac, R. (2001). *Uma comparação entre duas propostas metodológicas para a análise do registro de uma interação verbal em uma situação aplicada – o ‘setting’ clínico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Maciel, J. M. (2004). *Terapia analítico-comportamental e ansiedade: Análise da interação verbal terapeuta-cliente*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.
- Margotto, A. (1998). *Identificando mudanças na interação verbal em situação clínica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Martins, P. (1999). *Atuação de terapeutas estagiários com relação a falas sobre eventos privados em sessões de terapia comportamental*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.
- Medeiros, M. L. A. de (2001). *Eventos privados em terapia analítico-comportamental: Uma análise de verbalizações de terapeuta e cliente*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.
- Oliveira-Silva, M. C.; Tourinho, E. Z. (2006). Avaliação de duas condições de treino de categorizadores de verbalizações de terapeutas. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 8, p. 39-57.
- Silveira, J. M. da & Kerbauy, R. R. (2000). A interação terapeuta-cliente: Uma investigação com base na queixa clínica. Em R. R. Kerbauy (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (pp. 213-221). Santo André, SP: SET.
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na Análise Comportamental* (Tradução de Anita Liberassi Neri). Campinas, SP: Papyrus Editora (Publicado originalmente em 1989).

- Sousa e Silva, A. & Banaco, R. A. (2000). Investigação dos efeitos do reforçamento, na sessão terapêutica, sobre três classes de respostas verbais do cliente. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, II (2)*, 123-136.
- Souza Filho, R. C. (2001). *Assertividade e passividade na terapia analítico-comportamental: Análise de um atendimento clínico em estágio supervisionado*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, PA.
- Tourinho, E. Z.; Neno, S., Garcia, M. G.; Brandão, G. G.; Souza, L. M.; Batista, J. R.; Lima, J. B. de; Barbosa, J. I. C.; Endemann, P. & Oliveira-Silva, M. C. (2007). Condições de treino e sistemas de categorização de verbalizações de terapeutas. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, IX (2)*, 317-336.
- Wielenska, R. C. (1989). *A Investigação de alguns aspectos da relação terapeuta-cliente em sessões de supervisão*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Yano, Y. (2003). *Tratamento padronizado e individualizado no transtorno do pânico*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Zamignani, D. R. (2001). *Uma tentativa de caracterização da prática clínica do analista do comportamento no atendimento de clientes com e sem o diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Zamignani, D. R. (2008) *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapeuta-cliente*. Tese de doutorado não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Recebido em: 14/10/2008

Aceito para publicação em: 18/05/2009